

AS MÚLTIPLAS VOZES DA MUSICOTERAPIA BRASILEIRA: UM PANORAMA SOBRE AS PUBLICAÇÕES DA SEXTA EDIÇÃO DO CONGRESSO LATINO AMERICANO DE MUSICOTERAPIA

Tânia Marques Cardoso¹

Resumo: Este artigo visou levantar dados sobre resumos publicados nos anais do VI Congresso Latino Americano de Musicoterapia (CLAM), ocorrido no Brasil em 2016. A partir desse recorte e critérios como uso do português como idioma do texto; título e palavras-chave constando musicoterapia, musicoterápico e/ou musicoterapêutico; foi feita descrição e análise quanti-qualitativa da amostra bibliográfica. Foram escolhidos 30 resumos dos quais se verificou as áreas de prática de Musicoterapia organizadas em modalidades específicas de saber, como linhas de enunciação deste dispositivo. As instituições em que a Musicoterapia brasileira se insere, o público que atende e as estratégias teórico-metodológicas tem adotado foram investigados. Apreciou-se que a Musicoterapia tem especificidades que dependem dos estabelecimentos em que atua e do público-alvo que atende, o que define os métodos e teorias de sua práxis. Notou-se que o crescimento da prática não tem sido acompanhado pelo científico, uma vez que não há condições propícias à pesquisa em Musicoterapia no contexto brasileiro. Além disso, áreas em que a Musicoterapia tem sido protagonista nos últimos anos, como a Saúde Mental e Assistência Social tiveram poucos trabalhos inscritos, o que pode ser efeito da precarização das políticas públicas de modo geral num país que esteve sob um golpe de estado naquele momento e que agora se acirra com a pandemia por COVID-19, pós-VII CLAM (2020, Colômbia). Entretanto, a diversidade das práticas interpõe a necessidade dar voz aos pontos de encontro e tensão ocorrentes nesse extenso campo de saber, voz que o CLAM tem buscado escutar, fazer eco e partilhar.

Palavras-chave: Musicoterapia. Musicoterapia brasileira. Pesquisa em Musicoterapia. Áreas da Musicoterapia.

¹ Musicoterapeuta Especialista pelo Conservatório Brasileiro de Música do Rio de Janeiro – CBM-UNICBE/ RJ. Psicóloga, Doutora e Mestra em Psicologia e Sociedade pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP – Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Assis/SP. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3378223540154098>

**THE MULTIPLE VOICES OF BRAZILIAN MUSICOTHERAPY: A
REVIEW OF THE WORKS PUBLISHED IN THE SIXTH EDITION OF
THE LATIN AMERICAN CONGRESS OF MUSIC THERAPY**

Tânia Marques Cardoso

Abstract: This article aimed to gather data on the abstracts published in the proceedings of the sixth edition of the Latin American Congress of Music Therapy, which took place in Brazil in 2016. Based on this clipping and criteria such as the use of Portuguese as a text language, the title and keywords music therapy and similar, the description and quantitative-qualitative analysis of the bibliographic sample was made. A total of 30 abstracts were selected from which the areas of practice of music therapy were verified as part of a device and the specificities of its subdivisions as the enunciation lines of this device. The Brazilian Music Therapy institutions are inserted, which the clientele that attends and which theoretical-methodological strategies has been adopted were investigated. It was appreciated that Music Therapy has specificities that depend on the establishments in which it operates and the target clientele it serves, which ends up defining the methods and theories of its praxis. It was noticed that the growth of the practice has not been accompanied by the scientific expansion, since there are no favorable conditions to the research in Music therapy in the Brazilian context. In addition, areas where Music Therapy has been a protagonist in the last years, such as Mental Health and Social Assistance, had few written works, which can be an effect of the precariousness of public policies in a country that was under a coup d'état, and which is now intensified with the COVID-19 pandemic, post-VII CLAM 2020. However, the diversity of practices imposes the need to give voice to the points of encounter and tension that occur in this vast area of knowledge, voice that this Congress has sought to hear, echo and produce sharing.

Keywords: Music therapy. Brazilian music therapy. Research in Music therapy. Music therapy areas.

INTRODUÇÃO

A Musicoterapia é o acontecimento que se dá na relação entre música, sujeito e musicoterapeuta qualificado, em que se realiza um fazer musical visando efeitos que dê audibilidade/sonoridade àquilo que submete o sujeito a algum tipo de sofrimento. Praticada há mais de seis décadas no Brasil como ciência e embora ainda não regulamentada como profissão no país, tem formado musicoterapeutas em graduação e pós-graduação ano após ano. Conquistando amplitude em áreas de atuação, métodos, técnicas e abordagens, musicoterapeutas brasileiros buscam se afirmar e se firmar ora como “solistas” – uma voz única e solitária em sua região, ora como um punhado de “solo” diferenciado – voz coletiva de sua categoria, para um melhor cultivo desse terreno das terapias. Por isso mesmo, sua diversidade de teoria e práxis requer espaços de interlocução que não só permita produzir esse “solo comum” pela troca de experiências, como também a divulgação dessa ciência ainda desconhecida em alguns confins do Brasil.

Com a finalidade de incentivar a pesquisa e o diálogo dos profissionais da Musicoterapia na América do Sul, os musicoterapeutas latino-americanos presentes no Congresso Mundial de Musicoterapia de 1993, na Espanha, formaram um comitê. Esse grupo viria a organizar periodicamente um Congresso Latino Americano de Musicoterapia. A primeira edição foi realizada na Argentina (2002), a segunda no Uruguai (2004), a terceira no Chile (2007), a quarta na Colômbia (2010), a quinta na Bolívia (2013) a sexta e penúltima no Brasil (2016), quatro meses após o golpe de estado e a última, a sétima edição realizada na Colômbia (2020), dias antes do surgimento de um dos primeiros casos de COVID-19 no Brasil e América do Sul. Este artigo é a atualização dos resultados de um trabalho feito sob encomenda para a conclusão do curso de Especialização em Musicoterapia no Conservatório Brasileiro de Música do Rio de Janeiro a partir das disciplinas relativas à pesquisa em Musicoterapia, sob cuidados da professora Dra. Marcia Cirigliano (2017 e 2018). Aqui apresentamos um levantamento da publicação eletrônica dos anais do VI Congresso Latino Americano de Musicoterapia (CLAM), evento que teve como título: “Integração e Diversidade de Vozes da Musicoterapia Latino-americana”, ocorrido em Florianópolis/SC, sendo a publicação mais recente do CLAM a que tivemos acesso na época em que este artigo foi originalmente escrito (2018). Consideramos ainda que as publicações do VII CLAM

– 2020 constituirá importante fonte de conhecimento sobre os campos da Musicoterapia Latinoamericana e do recorte brasileiro em período imediatamente anterior à pandemia do novo coronavírus.

Sobre a fonte bibliográfica escolhida, foi realizado um trabalho descritivo e qualitativo, que visa dar voz ao estado da arte da Musicoterapia brasileira na atualidade, a partir do recorte desta obra, específica ao evento escolhido. Com isso, se pretendeu traçar possíveis linhas de enunciação que problematizem a musicoterapia, como parte do saber em um dispositivo que emerge da relação entre música e subjetividade. Toma-se o dispositivo como um conjunto heterogêneo de ditos (discursos, instituições, códigos, conceitos) e não-ditos (o visível, perceptível, audível) que, por meio de relações de poder e saber que se sustentam mutuamente, sejam capazes de regular e regulamentar a vida, aprimorando o pensamento e as condutas humanas (FOUCAULT, 2006; AGAMBEN, 2005). Já a linha de enunciação (DELEUZE, 1990) diz respeito às práticas discursivas, que embora indissociáveis das não-discursivas, provocam efeitos próprios de formulação de saberes. Constituída do que pode ser falado, representado e interpretado na linguagem, a linha de enunciação tem potencial de inteligibilidade, cientificidade e produção de saber tanto homogeneizantes como singularizados.

Desse modo, este trabalho busca valorizar a produção de saber local e os modos de enuncia-lo, considerando a relevância do evento em si, já que é a primeira vez que o Brasil se torna anfitrião deste evento continental em seu território.

DESENVOLVIMENTO

MÉTODO

O presente trabalho é descritivo, a partir do método qualitativo de análise das informações colhidas, utilizando também a organização quantitativa dos dados para trazer um recorte do estado da arte da musicoterapia brasileira. Essa descrição adotou uma fonte bibliográfica única: os Anais do VI Congresso Latino Americano de Musicoterapia: “Integração e Diversidade de Vozes da Musicoterapia Latino-americana”. Ela foi escolhida pelo seu histórico relevante, pelo dinamismo teórico e pluralidade temática dos trabalhos

apresentados. Isso se justifica pelo evento ser o mais recente a qual se pode acessar as publicações, bem como o fato de produzir espaço de interlocução de grandeza continental, lançando luz simultaneamente às questões atuais e diferenças regionais e/ou locais do campo.

Como critérios de inclusão, foram escolhidos resumos em língua vernácula que contivessem no título e nas palavras-chave o termo “Musicoterapia” ou “musicoterápico” ou ainda “musicoterapêutico”. O processo de leitura do material se deu na seguinte sequência: leitura exploratória dos anais como um todo – para primeiro contato com o material; leitura seletiva de seções – para escolha do material relevante à pesquisa; leitura analítica – para identificar temas e áreas de discussões e leitura descritivo-interpretativa – para relacionar o que a/o(s) autor/a(es) afirma(m) com o problema posto (GIL, 2002). Ao longo das leituras, foi confeccionada a tabela 1 com o objetivo de organizar as ideias e o quadro 1 para dar visibilidade à amostra colhida, além do uso de gráficos como recursos visuais.

A análise dos dados encontrados pautou-se por uma descrição de conteúdo da seção de comunicação oral, que permitiu identificar os temas mais recorrentes, assim como temas diferenciados. A partir dessa identificação, foram elaboradas categorias a serem discutidas (BARDIN, 1977), a saber: as áreas/modalidades de prática em Musicoterapia, as instituições e o público atendidos, as técnicas e métodos empregados. Como nem todos os trabalhos indicaram a localização (cidade, estado), o presente estudo levantou somente as instituições como local da prática. As caracterizações buscaram não negligenciar o aparecimento de perspectivas singulares, pois estas se constituem como material importante pela sua diferença e possível ponto de inovação no referido campo. Entretanto, tentamos articulá-la pela constituição de modalidades de exercícios de saber específicos dentro da diversidade do campo da Musicoterapia brasileira, para criar condições de possibilidade de enuncia-las coletivamente por agrupamentos de áreas temáticas. Isso sem desconsiderar os atravessamentos políticos que influem no processo de produção de saber em pesquisa no Brasil, de modo a recusar o lugar da suposta neutralidade e demonstrar a implicação ético-estético-política da pesquisadora com seu objeto e com uma analítica do saber-poder de inspiração arqueogenealógica (CARDOSO, 2014).

RESULTADOS

Dos 85 resumos expandidos enviados para as seções de comunicação oral do VI Congresso Latino Americano de Musicoterapia de 2016, o evento contou com 37 trabalhos na língua vernácula. Foram selecionados 30 a partir dos critérios mencionados no item “Método”, sendo que sete resumos em português brasileiro não foram incluídos. Dentre esses sete não-incluídos, quatro² não apresentaram nenhuma palavra-chave, embora três contivessem no título o termo “musicoterapia”. Dois³ trabalhos incluíram este termo no título, mas não apresentaram nas palavras-chave os termos “musicoterapia”, “musicoterápico” ou “musicoterapêutico” e um⁴ outro trabalho não possui o termo “musicoterapia” ou afins no título e nas palavras-chave, embora tratem do tema no texto ou de temas relacionados como a música, a interface entre música e medicina e as tecnologias em música. Dos 30 trabalhos incluídos, nota-se que a principal área de atuação profissional e formação dos autores dos resumos é majoritariamente em Musicoterapia, mas que em alguns casos aparece associada a estudos de outras áreas como Psicologia, Fonoaudiologia, a área interdisciplinar da Reabilitação Neurológica e da Pesquisa e Extensão Universitária. As variáveis utilizadas para organizar os trabalhos e descrevê-los foram categorizadas em: título, que reproduz os títulos originais colocados pelos autores dos trabalhos; o referencial teórico da Musicoterapia que foi empregado no trabalho e o contexto em que a prática musicoterápica estudada ou relatada se deu, em termos de técnicas e métodos em Musicoterapia e de instituições em que se insere; a metodologia dos trabalhos apresentados no que se refere ao campo da pesquisa e, por fim, uma breve caracterização do público-alvo descrito nos trabalhos. Para melhor visualização do arquivo selecionado, dispomos os dados resumidos na tabela 1 e suas respectivas citações no quadro 1.

2 A saber: “Musicoterapia e Avaliação em Epilepsia refratária: protocolos de avaliação das capacidades musicais, de memória e de emoção”; “A música no cotidiano de pessoas surdas na cidade de Curitiba no Brasil e Belém na Palestina”; “Centro de Atendimento e Estudos em Musicoterapia - CAEMT -FAP, contribuições na formação do musicoterapeuta”, e “O imaginário que permeia a escolha da formação em Musicoterapia”.

3 Referente a “Música, Musicoterapia, Criatividade e uso de recursos tecnológicos no desenvolvimento de pessoas com Deficiência Intelectual”, “Musicoterapia muda o humor de pacientes submetidos ao transplante de células-tronco hematopoéticas (Estudo Randomizado Controlado)”. Enquanto que o segundo mostra a importância da utilização de métodos quantitativos para demonstração da eficácia da musicoterapia, o primeiro se mostra como leitura interessante para musicoterapeutas no momento presente (2020), em que se lançam ao teleatendimento e às práticas de musicoterapia mediada por tecnologias da informação durante a pandemia por COVID-19 no país e no mundo.

4 Trata-se do resumo “Música, memória autobiográfica e idosos”.

Tabela 1. Organização temática dos resumos apresentados na seção de comunicações orais, publicados nos Anais do VI CLAM.

Sobrenomes dos autores	Título	Referencial teórico e prática em Musicoterapia	Metodologia do trabalho apresentado	Público-alvo
André, Gomes e Loureiro	Escalas Nordoff-Robbins: Equivalência conceitual em um processo de validação	Abordagem Nordoff-Robbins	Revisão bibliográfica	Sujeitos autistas e com atraso no desenvolvimento
Brandalise	As psicodinâmicas de um grupo de Musicoterapia Músico-centrada com pessoas com TEA	Musicoterapia Músico-centrada e Níveis de desenvolvimento grupal propostos por Greenspan e Wieder	Estudo qualitativo naturalista associado ao design proposto por Smeijsters e Storm	Sujeitos com transtorno do espectro autista
Palazzi, Meschini e Piccinini	Contribuições da Musicoterapia para mãe-bebê pré-termo na UTI neonatal: um estudo de caso único	Intervenção Musicoterápica para Mãe-Bebê Pré-termo – IMUSP	Estudo de caso único	Mãe e Bebê de alta prematuridade
Silva, Zanini e Daher	Efeitos da musicoterapia no cuidado de pacientes Víctimas de queimaduras	Experiências Musicais descritas por Bruscia	Misto: Qualitativo (análise de depoimentos) e quantitativo (escala faces)	Adultos com dor ocasionada por queimaduras de 2º grau
Freire, Moreira, Kummer	Protocolo de atendimento de musicoterapia improvisacional musicocentrada para crianças com autismo	Musicoterapia Improvisacional Musico-centrada	Estudo qualitativo	Crianças com autismo
Anastacio, Nascimento e Gomes	A utilização do repertório musical erudito pelos musicoterapeutas brasileiros	Inspiração no Método Bonny (GIM) e Musicoterapia Analiticamente Orientada	Levantamento bibliográfico e questionário. Análise quantitativa	Todas as idades, sem especificação de público (supõe-se que seriam adultos considerados “neuróticos”)
Ribeiro, Fernandes, Paula, Rebelo e Alcântara-Silva	Correlação entre ansiedade e modulação autonômica cardíaca em mães de pré-termos graves após intervenção musicoterapêutica	Grupo de Musicoterapia (não especificadas as intervenções)	Ensaio clínico randomizado	Mães e bebês em UTI Neonatal
Dias	Musicoterapia e religiosidade –expressão da fé na clínica psiquiátrica	Abordagem Plurimodal em Musicoterapia para apoio à crise	Levantamento quanti- qualitativo de letras de canções religiosas em contexto clínico	Pacientes em crise em clínica multidisciplinar em Saúde Mental
Puchivailo e Holanda	Fenomenologia de grupo de musicoterapia com pessoas em sofrimento psíquico grave	Musicoterapia em grupo, sob orientação fenomenológica	Análise qualitativa das sessões de musicoterapia	Sujeitos em sofrimento psíquico grave em CAPS
Cardoso e Lima	Práticas da musicoterapia em saúde mental e suas singularidades: experiências da reforma psiquiátrica	Musicoterapia na Saúde Mental, no contexto da Reforma Psiquiátrica brasileira	Levantamento bibliográfico e análise qualitativa (genealogia foucaultiana)	População atendida pelos serviços substitutivos aos manicômios
Campos e Jorge	Musicoterapia comunitária à luz da Abordagem Junguiana	Musicoterapia interativa e receptiva	Exposição teórica da Psicologia Analítica e relato de Musicoterapia em instituição de acolhimento	Moradores de Lar Transitório
Faria e Cunha	Musicoterapia em grupo com crianças no transtorno do espectro autista: manifestações musicais e socioculturais.	Encontros musicoterapêuticos em grupo sob a perspectiva social	Análise qualitativa dos registros dos encontros	Crianças com grau leve do Transtorno do Espectro Autista
Lindenberg, Valentin e Conceição	A catarse nas intervenções em musicoterapia comunitária	O uso da catarse de integração, proposta por Moreno, como ferramenta em Musicoterapia	Análise de vídeos onde ocorrem o fenômeno da catarse motivada pela música	Comunidades em situação de vulnerabilidade atendidas pelo projeto “Pé na Viela”
Santos	O rap e o funk carioca em atendimentos musicoterapêuticos com adolescentes privados de liberdade	Composição e Improvisação, a partir da articulação de outros conceitos como Subjetividade Social e Identidade Sonoro-Musical	Análise qualitativa das composições	Adolescentes privados de liberdade
Passoni	Fortalecendo os vínculos familiares e comunitários através da Musicoterapia no município de Salto - SP – Relato de vivência com idosos	Musicoterapia em Grupo em Centro de Referência de Assistência Social (CRAS)	Descrição do processo de inserção da Musicoterapia no CRAS	População atendida pelo Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculo
Arndt e Maheirie	O fazer musical coletivo em contexto socioassistencial	Musicoterapia Social Comunitária e Psicologia Sócio-Histórica	Pesquisa-intervenção em Musicoterapia Comunitária	Usuários do CRAS maiores de 18 anos
Santos	Musicoterapia educacional na reabilitação psicomotora da pessoa com esclerose múltipla: estudo de caso	Musicoterapia Educacional	Relato de caso	Sujeito com esclerose múltipla atendido em reabilitação motora
Nascimento, Pellizzari, Paula e Barros	Musicoterapia preventiva psicossocial na educação: panorama dos diálogos generativos de saúde comunitária/social.	Musicoterapia preventiva comunitária	Levantamento em bases de dados da UFG e arquivos pessoais da autora, de 1992 a 2016.	Práticas voltadas à comunidade escolar - Universidade
Shibuya e Correa	A importância da flauta doce no desenvolvimento da linguagem: relato de caso	Musicoterapia re-criativa, receptiva e improvisacional	Relato de caso – Clínica escola FMU	Criança diagnosticada com TEA
Petersen e Nobre	Seis mãos, um piano e a solista: Parceria Musicoterapia / Família no Tratamento da Doença de Alzheimer	Musicoterapia neurológica, estimulação cognitiva por meio da performance pianística da paciente e familiares	Análise de diário de campo, vídeos de atendimentos e observações da paciente	Paciente com Alzheimer

Tibúrcio e Freire	Musicoterapia e intervenção precoce em criança com desenvolvimento atípico e sinais de TEA	Intervenção Precoce em Musicoterapia	Relato de experiência	Bebê com sinais de risco de desenvolvimento do TEA
Faleiro de Freitas	Fonoaudiologia e musicoterapia na clínica de linguagem: relato de uma prática clínica	Proposta discursiva (Fono) e musicalidade clínica na improvisação (Musicoterapia)	Relato de experiência	Sujeitos em terapia de linguagem
Rodrigues, Rezende, Gomes e Sampaio	Vivenciando a prática clínica musicoterapêutica durante a graduação	Abordagem musicoterapêutica de fundamentação humanista biopsicossocial	Levantamento da produção a partir de projeto de extensão universitária em clínica-escola de Musicoterapia - UFMG	Pessoas com distúrbios do desenvolvimento, diversas faixas etárias
Loureiro, Rosário, Hanna e Cordeiro	Musicoterapia na Associação Mineira de Reabilitação: uma parceria com a escola de música da UFMG	Musicoterapia Neurológica na reabilitação sensorial, motora, cognitiva e psicossocial	Relato de experiência	Bebês, crianças e adolescentes com deficiência física
Nascimento	Formação(ões) em Musicoterapia no Brasil: investigações acerca dos cursos de graduação	Levantamento dos currículos e atividades de estágios dos seis cursos de bacharelado em Musicoterapia no país	Pesquisa Documental	Cursos de graduação em Musicoterapia
Gomes, Ferreira, Rosário e Loureiro	O envolvimento precoce do estudante de musicoterapia na pesquisa científica	Musicoterapia Neurológica	Relato de experiência em pesquisa	Pacientes com esclerose tuberosa
Volpi	O curso de Musicoterapia no Paraná: dos anos 70 até os anos 90	Cartografia da Musicoterapia no Paraná	Levantamento da história documental e entrevistas	Cursos de Graduação e Especialização em Musicoterapia e a atuação profissional na referida região
Souza e Loureiro	Musicoterapia em bebês prematuros: revisão sistemática	Musicoterapia em Neonatologia	Revisão bibliográfica sistemática	Mães e bebês de risco
Pivatto e Silva	Canta, canta minha gente: a Musicoterapia com pacientes portadores de insuficiência renal crônica em hemodiálise	Re-criação e Improvisação musical em Musicoterapia	Estudo de caso de caráter exploratório e descritivo	Grupo de pacientes dialíticos
Souza	A participação da musicoterapia em espaços de controle social	Musicoterapia social. A ocupação da musicoterapia paulista dos espaços do Sistema Único de Assistência Social	Relato de experiência	Comunidade e participação popular na construção da política pública socioassistencial

Fonte: confeccionado pela autora, 2018.

Quadro 1. Organização em números e citações da Seleção de Resumos do VI CLAM

1. ANDRÉ, Aline Moreira; GOMES, Cristiano Mauro Assis; LOUREIRO, Cybelle Maria Veiga. Escalas Nordoff Robbins: equivalência conceitual em um processo de validação. In: CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE MUSICOTERAPIA, 6., 2016, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: Ed. 2016. p.93.
2. BRANDALISE, André. 5.1.2 As psicodinâmicas de um grupo de musicoterapia músico-centrada com pessoas com TEA. In: CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE MUSICOTERAPIA, 6., 2016, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: Ed. 2016. p. 97.
3. MESCHINI, Rita; PICCININI, Ambra Palazzi. Contribuições da musicoterapia para mãe-bebê pré-termo na UTI Neonatal: um estudo de caso único. In: CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE MUSICOTERAPIA, 6., 2016, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: Ed. 2016. p.102.
4. SILVA, Jefferson Pereira da; ZANINI, Claudia Regina de Oliveira; DAHER, Ricardo Pícolo. Efeitos da musicoterapia no cuidado de pacientes vítimas de queimaduras. In: CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE MUSICOTERAPIA, 6., 2016, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: Ed. 2016. p.126.
5. FREIRE, Marina; MOREIRA, Aline; KUMMER, Arthur. Protocolo de atendimento de musicoterapia improvisacional musicocentrada para crianças com autismo. In: CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE MUSICOTERAPIA, 6., 2016, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: Ed. 2016. p. 130.
6. ANASTACIO, Mauro; NASCIMENTO, Marilena; GOMES, Deisyane. A utilização do repertório musical erudito pelos Musicoterapeutas brasileiros. In: CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE MUSICOTERAPIA, 6., 2016, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: Ed. 2016. p.134.
7. RIBEIRO, Mayara Kelly Alves; FERNANDES, Nagila Mendes, PAULA, Tamara Cristine de; REBELO, Ana Cristina Silva; ALCÂNTARA-SILVA, Tereza Raquel de Melo. Correlação entre ansiedade e modulação autonômica cardíaca em mães de pretermos graves após intervenção musicoterapêutica. In: CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE MUSICOTERAPIA, 6., 2016, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: Ed. 2016. p.139.
8. DIAS, Magali. Musicoterapia e religiosidade – uma expressão da fé dentro da clínica psiquiátrica. In: CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE MUSICOTERAPIA, 6., 2016, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: Ed. 2016. p.191.
9. PUCHIVAILO, Mariana Cardoso; HOLANDA, Adriano Furtado. Fenomenologia de um grupo de musicoterapia com pessoas em sofrimento psíquico grave. In: CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE MUSICOTERAPIA, 6., 2016, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: Ed. 2016. p.203
10. CARDOSO, Tânia Marques; LIMA, Elizabeth Maria Freire de Araújo. Práticas da musicoterapia em saúde mental e suas singularidades: algumas experiências no contexto da reforma psiquiátrica. In: CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE MUSICOTERAPIA, 6., 2016, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: Ed. 2016. p.211.
11. CAMPOS, Ana Maria Caramujo Pires de; JORGE, Magali Baldassin . Musicoterapia Comunitária à luz da abordagem Junguiana. In: CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE MUSICOTERAPIA, 6., 2016, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: Ed. 2016. p. 221.
12. FARIA, Bárbara Virginia Cardoso; CUNHA, Rosemyriam. Musicoterapia em grupo com crianças no transtorno do espectro autista: manifestações musicais e socioculturais. In: CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE MUSICOTERAPIA, 6., 2016, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: Ed. 2016. p.230.
13. LINDENBERG, André Pereira; VALENTIN, Fernanda; CONCEIÇÃO, Maria Inês Gandolfo. A catarse nas intervenções em musicoterapia comunitária. In: CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE MUSICOTERAPIA, 6., 2016, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: Ed. 2016. p.246.
14. SANTOS, Hermes Soares dos. O rap e o funk carioca em atendimentos musicoterapêuticos com adolescentes privados de liberdade. In: CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE MUSICOTERAPIA, 6., 2016, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: Ed. 2016. p.251.
15. PASSONI, Talita Ribeiro. Fortalecendo os vínculos familiares e comunitários através da Musicoterapia

no município de Salto - SP – Relato de vivência com idosos. In: CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE MUSICOTERAPIA, 6., 2016, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: Ed. 2016. p.282.

16. ARNDT, Andressa Dias; MAHEIRIE, Kátia. O fazer musical coletivo em contexto socioassistencial. In: CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE MUSICOTERAPIA, 6., 2016, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: Ed. 2016. p.303.

17. SANTOS, Ednaldo Antonio. Musicoterapia educacional na reabilitação psicomotora da pessoa com esclerose múltipla: estudo de caso. In: CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE MUSICOTERAPIA, 6., 2016, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: Ed. 2016. p.309.

18. NASCIMENTO, Sandra Rocha; PELIZZARI, Patrícia Cláudia, PAULA, Karylla Amanda de Assis; BARROS, Rafael Mendonça. Musicoterapia preventiva psicossocial na educação: panorama dos diálogos generativos de saúde comunitária/social. In: CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE MUSICOTERAPIA, 6., 2016, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: Ed. 2016. p.328.

19. SHIBUYA, Aline Akemi Maziero; CORREA, Márcio Guedes. A importância da flauta doce no desenvolvimento da linguagem: relato de caso. In: CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE MUSICOTERAPIA, 6., 2016, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: Ed. 2016. p.355.

20. PETERSEN, Elisabeth Martins; NOBRE, Mônica Maria Rio. Seis mãos, um piano e a solista: Parceria Musicoterapia/Família no Tratamento da Doença de Alzheimer. In: CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE MUSICOTERAPIA, 6., 2016, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: Ed. 2016. p.373.

21. TIBÚRCIO, Simone Presotti; FREIRE, Maria Horta. Musicoterapia e intervenção precoce em criança com desenvolvimento atípico e sinais de TEA. In: CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE MUSICOTERAPIA, 6., 2016, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: Ed. 2016. p.377.

22. FREITAS, Eliane Faleiro. Fonoaudiologia e Musicoterapia na clínica de Linguagem: relato de uma prática clínica. In: CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE MUSICOTERAPIA, 6., 2016, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: Ed. 2016. p.381.

23. RODRIGUES, Ivan Moriá Borges; REZENDE, Andresa Cristina; GOMES, Maria Virgínia Silveira de Faria; SAMPAIO, Renato Tocantins. Vivenciando a prática clínica musicoterapêutica durante a graduação. In: CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE MUSICOTERAPIA, 6., 2016, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: Ed. 2016. p.385.

24. LOUREIRO, Cybelle Maria Veiga; ROSÁRIO, Verônica Magalhães; HANNA, Emilly; CORDEIRO, Rodrigo. Musicoterapia na Associação Mineira de Reabilitação: Uma parceria com a escola de música da UFMG. In: CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE MUSICOTERAPIA, 6., 2016, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: Ed. 2016. p.404.

25. NASCIMENTO, Lázaro Castro Silva. Formação(ões) em musicoterapia no Brasil: investigações acerca dos cursos de graduação. In: CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE MUSICOTERAPIA, 6., 2016, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: Ed. 2016. p.412.

26. GOMES, Maria Virgínia Silveira de Faria; FERREIRA, Rhainara Lima Celestino; ROSÁRIO, Verônica Magalhães; LOUREIRO, Cybelle Maria Veiga. O envolvimento precoce do estudante de musicoterapia na pesquisa científica. In: CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE MUSICOTERAPIA, 6., 2016, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: Ed. 2016. p.417.

27. VOLPI, Sheila. O curso de Musicoterapia no Paraná: dos anos 70 até os anos 90

Sheila Volpi. In: CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE MUSICOTERAPIA, 6., 2016, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: Ed. 2016. p.430.

28. SOUZA, Henriane Camile Pimenta de; LOUREIRO, Cybelle Maria Veiga. Musicoterapia em bebês prematuros: revisão sistemática. In: CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE MUSICOTERAPIA, 6., 2016, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: Ed. 2016. p.444.

29. PIVATTO, Fernanda; ROBERTO, Lydio. Canta, canta minha gente: a musicoterapia com pacientes portadores de insuficiência renal crônica em hemodiálise. In: CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE MUSI-

COTERAPIA, 6., 2016, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: Ed. 2016. p.461.

30. SOUZA, Gildásio Januário. A participação da musicoterapia em espaços de controle social. In: CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE MUSICOTERAPIA, 6., 2016, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: Ed. 2016. p.498.

Fonte: confeccionado pela autora, 2018.

DISCUSSÃO

ÁREAS DE DISTRIBUIÇÃO TEMÁTICA: AS DIFERENTES MODALIDADES DE TRABALHOS EM MT

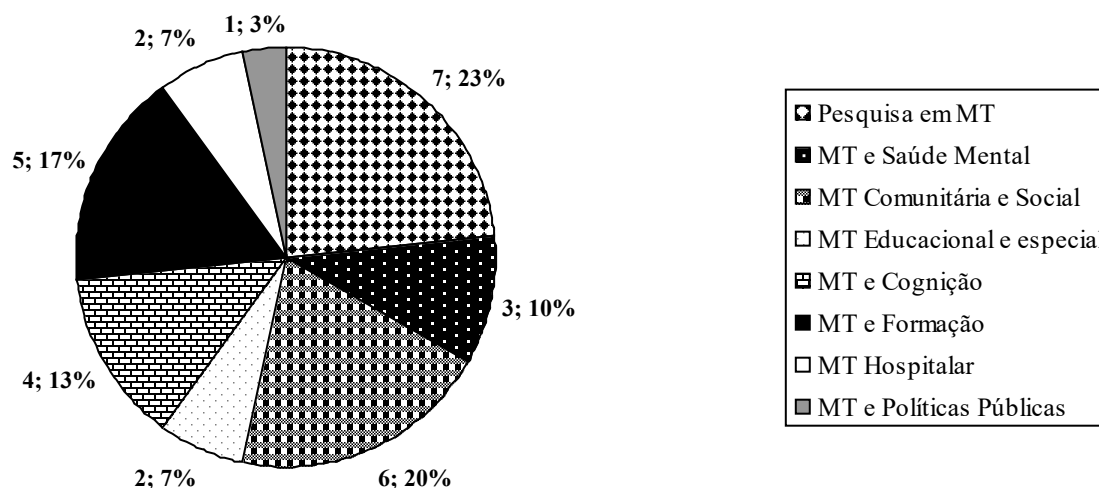
Kenneth Bruscia (2000) aponta para a grande diversidade de *settings*, clientelas, de orientações teóricas da musicoterapia e dos musicoterapeutas, pluralidade essa que requer uma definição que abranja tanto o interior, quanto o exterior das fronteiras da musicoterapia. Para tal empresa, o musicoterapeuta estadunidense classifica as práticas em áreas e níveis de acordo com o que possuem de semelhanças e distinções. Para efeito de classificação, este trabalho se utiliza da ideia de área. Uma área da prática em Musicoterapia (MT) se define pelo que se coloca como prioridade para o sujeito, terapeuta e instituição. Depreende-se dessa organização da prática que o vasto campo da MT, ao adentrar instituições, enfrentar determinados contextos e se deparar com as especificidades das populações, teve que se desdobrar em ofertas específicas que respondessem às demandas que se lhe apresentavam.

Então, se a MT enquanto ciência e profissão possui um *corpus* em comum, por outro lado, ela precisou se especializar em áreas distintas para dar conta das realidades com as quais precisava lidar. O surgimento da MT Comunitária e Social para responder à demanda da assistência social, ou da Musicoterapia Hospitalar, demandada por instituições da alta complexidade da saúde ilustram dois modos de como a MT se particularizou, embora ambas não deixem de ser MT e compartilhem alguns princípios. Aqui se adota, portanto, as modalidades como subdivisão prática dessas áreas discutidas por Bruscia, dentro de uma mesma *linha de enunciação* compartilhada.

No VI CLAM as seções de comunicações orais obtiveram inscrições de 30 trabalhos em dez (10) diferentes modalidades na referida publicação, descritas na Tabela 1. Os sete primeiros trabalhos, dos autores 1 até 7, referem-se à modalidade “Pesquisa em

Musicoterapia”, em seguida, três trabalhos, de 8 à 10, na modalidade “Musicoterapia e Saúde Mental”. Seis trabalhos, de 11 à 16, em “Musicoterapia Comunitária/Social”, dois, 17 e 18, em “Musicoterapia educacional/práticas inclusivas/Educação Especial”, quatro em “Musicoterapia e Cognição”: de 19 à 22; cinco em “Musicoterapia e Formação”: 23 à 27; dois em “Musicoterapia Hospitalar”, 28 e 29 e o último, o único no tema “Musicoterapia e Políticas Públicas”, o 30 na Tabela 1. Não houve trabalho brasileiro nas modalidades “Musicoterapia e Neuroreabilitação” e “Musicoterapia Organizacional”.

Figura 1. Modalidades temáticas em Musicoterapia nos trabalhos apresentados no VI CLAM, Brasil, 2016.



A modalidade Pesquisa em MT recebeu maior número de trabalhos e os que menos receberam foram MT e Políticas Públicas, MT Organizacional e MT e Neuroreabilitação. Estes dois últimos não foram colocados no gráfico representado na figura 1, por terem obtido zero (0) como resultado. Isso poderia indicar a escassez de produção científica nessas áreas ou baixa empregabilidade do musicoterapeuta nas instituições e organizações que tais especialidades seriam desejáveis. Ressalta-se que algumas modalidades temáticas trazem assuntos que coincidem com trabalhos de outras áreas. Como exemplo, remete-se à segunda modalidade com maior número de trabalhos, a da MT Comunitária e Social com 20% de ocorrências: esta modalidade dialoga com outra, o da MT e Políticas Públicas e trata de assuntos e instituições em comum.

A seguinte modalidade é da MT e Formação com 17%, em sequência, MT e Cognição com 13%. Já a quinta área com mais trabalhos em língua portuguesa foi MT em Saúde Mental, com 10% dos trabalhos. Levando em conta o pioneirismo da Musicoterapia brasileira em práticas no contexto da Reforma Psiquiátrica brasileira, o resultado torna-se pouco significativo numericamente em publicações da área da Saúde Mental. Isso porque essa área possui expressiva quantidade de musicoterapeutas em serviços pertinentes à lei da Reforma Psiquiátrica no país e conta com vastas experiências publicadas em artigos, teses, dissertações e capítulos de livros que se teve conhecimento em pesquisas anteriores (CARDOSO, 2014). Houve empate entre a sexta posição para duas modalidades distintas, dividida entre a MT educacional /especial e MT Hospitalar, ambos com 7%. Em outras variáveis, é possível perceber que os musicoterapeutas têm trabalhado com questões pertinentes a comunidade escolar, bem como tem atuado em instituições hospitalares. Observou-se quanto a este segundo caso, que o hospital apareceu em parte considerável dos trabalhos em outra modalidade, no caso, a da “Pesquisa e MT”, sendo três trabalhos (3, 4, 7) dos sete (1 a 7) no total, que abordaram o paciente hospitalizado: dois (3 e 7) em unidade de terapia intensiva (UTI) neo-natal e um (4) em serviço de enfermagem do pronto socorro.

Ao pensar em diferentes modalidades de saber dentro de um campo maior, é proposta a reflexão a respeito do conhecimento dos musicoterapeutas sobre o campo da Musicoterapia como parte comum a todo profissional da área, reconhecendo que há diferenças entre os singularizados modos do saber-fazer. Sendo assim, o que diferenciaria os discursos de saber em MT seria o movimento que se dá entre as instituições em que a MT se insere e a população sobre a qual ela constrói esses discursos e práticas. Nesse movimento, ocorrem jogos de força entre os estabelecimentos e os sujeitos, que (re)produzem tais enunciados e põe em funcionamento estratégias de controle sobre os indivíduos, mas também permitem a produção de linhas de fuga. Tornando-se partes de um dispositivo que intervêm sobre corpos e subjetividades, as instituições são locais privilegiados das relações de poder.

AS INSTITUIÇÕES EM QUE SE INSERE A MUSICOTERAPIA BRASILEIRA

Dividimos a amostra das instituições em seis (6) tipos. Essa tipificação se deve ao fato de ter havido baixa ocorrência de trabalhos em um mesmo tipo de serviço, ao passo que apareceram 10 (dez) diferentes citações de instituições, com uma única ocorrência para cada, o que traria prejuízos para categorizar a amostra e analisá-la. O alto grau de dissenso para citar os serviços pode indicar, por um lado, a diversidade com o qual a MT é absorvida pelo mercado de trabalho e pelos locais de atuação deste campo no país. Por outro, pode dizer da heterogeneidade da linguagem dos autores para descrever os serviços em que atuam ou sobre os quais abordam em seus trabalhos. As instituições identificadas foram:

I. nove em não-citada no trabalho ou não-especificada por se tratar de levantamento teórico (1, 2, 5, 6, 12, 20, 21, 22, 27);

II. cinco em hospitalar, (3, 4, 7, 28, 29);

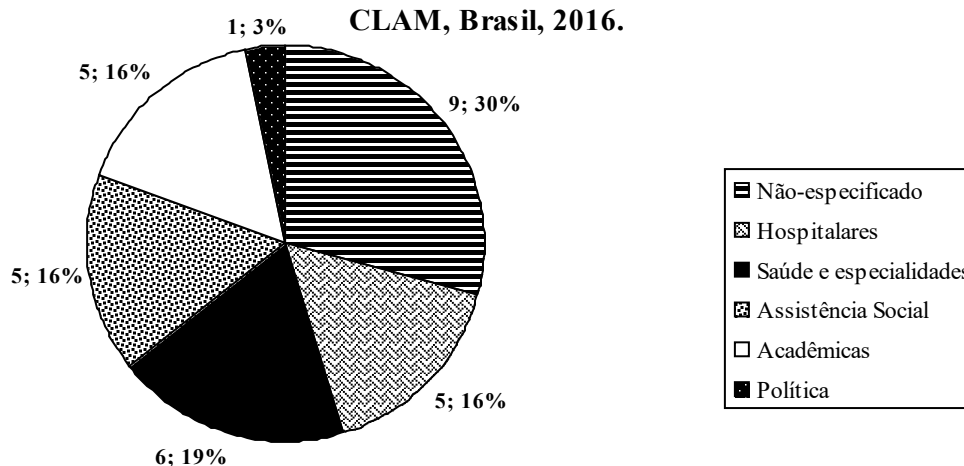
III. seis em saúde e especialidades, sendo três (8, 9, 10) em saúde mental e três (17, 24 e 26) em associações para públicos específicos;

IV. cinco em assistência social, com três (13, 15 e 16) em serviços de proteção social básica ou de atendimento à população em vulnerabilidade e risco social e dois (11, 14) em serviços socioassistenciais de média e alta complexidade;

V. cinco em escolar e acadêmica, sendo três em clínicas-escola (18, 19, 23) e duas (18 e 25) em universidades;

VI. um (30) de participação popular na construção de políticas de controle social.

Figura 2. Instituições citadas nos trabalhos apresentados no VI CLAM, Brasil, 2016.



As instituições mais citadas estão ligadas à saúde e especialidades (19%), seguido por empate de 16% dos serviços hospitalares, da assistência social e da produção acadêmica. Isso dá visibilidade aos rumos da prática e da reflexão teórica do Musicoterapeuta (MTa) brasileiro, com certa predileção pelo trabalho em clínica ampliada, especialmente na atenção secundária como a reabilitação física e a atenção psicossocial e na alta complexidade na atenção hospitalar, como as práticas do MTa em UTIs e prontos socorros. Nas instituições, o público a quem elas atendem e seus aspectos próprios também se mostraram determinantes das práticas em MT.

O PÚBLICO ATENDIDO PELA MUSICOTERAPIA BRASILEIRA

Bruscia indaga-se sobre as condições que qualificariam “uma pessoa para o tipo de ajuda que a musicoterapia pode dar” (BRUSCIA, 2000, p.80). A isso, ele responde que o público da MT não pode ser definido de um modo generalizado (id.). Sequer deve ser circunscrito a uma população restrita, como aquela que é atendida pela gerontologia ou por uma demanda específica, como a da psico-oncologia por exemplo. É preciso associar a MT a alguns indicadores do público como faixa etária, diagnóstico e contexto socioeconômico, para definir a área da prática e a instituição de trabalho.

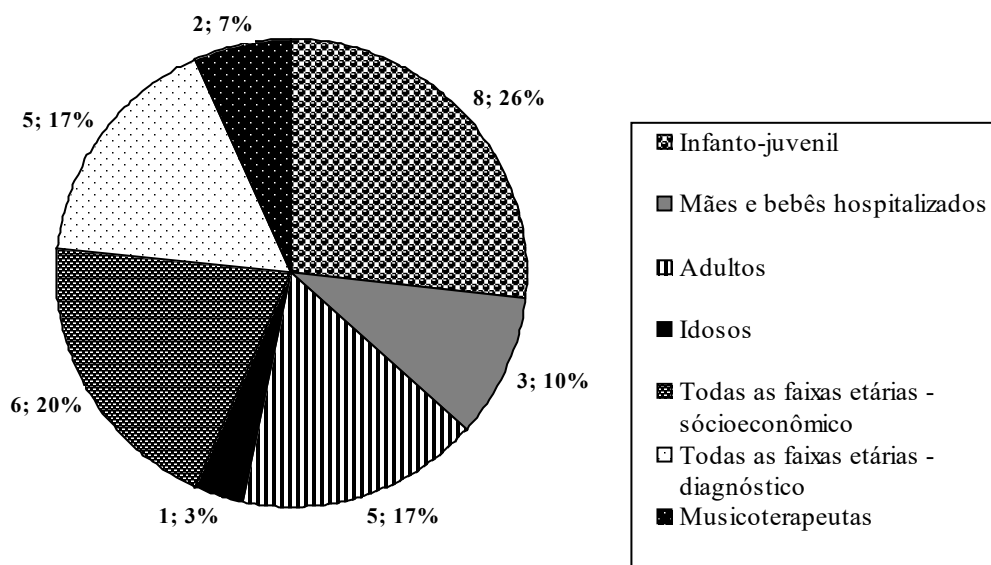
Parte expressiva das ocorrências de trabalhos referiu-se ao público infantil diagnosticado dentro do Espectro Autista (1, 2, 5, 12, 19 e 21), empatado em sete com o público que utiliza de serviços de proteção social e assistência social de média e alta complexidade e participam de suas políticas (11, 13, 14, 15, 16 e 30). É preciso destacar que um caso (30) narrou a experiência de controle social na modalidade MT e Políticas Públicas, um (11) relatou a prática junto a moradores de rua. Com exceção deste último citado, os cinco demais abrangeram todas as faixas etárias e um (14) caso expôs a prática exclusiva com adolescentes privados de liberdade.

Em seguida, públicos diferentes apresentaram a mesma quantidade de citações em trabalhos: adultos psicóticos (8, 9 e 10), mães e bebês hospitalizados (3, 4 e 28). Já no atendimento de crianças e adolescentes, há uma (24) ocorrência definida pela especialidade da instituição, que atende pessoas com deficiência física. Houve outros dois casos (4 e 6) que atuaram especificamente com adultos, mas em diferentes problemáticas: um (4) que

é declaradamente com adultos que sofreram queimaduras e um (6) que se supõe tratar de adultos neuróticos, já que se utiliza do método G.I.M.. Nesses mesmos parâmetros, foi encontrado um (20) caso de atenção a paciente com Alzheimer, que foi suposta ser idosa pelo diagnóstico, uma vez que o trabalho não descreve a faixa etária.

Definiu-se ainda públicos somente pelo quadro clínico que apresentaram ou pelo tratamento ao qual se submetem, sem mencionar faixa etária: pacientes de diálise (29), com esclerose tuberosa (26), distúrbios do desenvolvimento (23), paciente em terapia de linguagem (22), paciente com esclerose múltipla (17). Finalmente, dois (25, 27) trabalhos se dirigem especificamente ao âmbito acadêmico da formação do musicoterapeuta e se dirige aos estudantes e profissionais como público-alvo do trabalho.

Figura 3. Público-alvo dos trabalhos apresentados no VI CLAM, Brasil, 2016.



Em sequência, o público da MT na saúde materno-infantil é o quarto em número de ocorrências de trabalhos, sendo a quinta maior ocorrência em estudos dos musicoterapeutas sobre si próprios – a formação, a história da profissão dentre outros. Por fim, os idosos são abordados em um único trabalho brasileiro. De qualquer modo, o público delimita o método a ser utilizado em MT, tanto na relação com o diagnóstico quanto com a faixa etária.

AS ABORDAGENS NA PRÁTICA E NA PESQUISA DA MUSICOTERAPIA BRASILEIRA

Um método em MT implica em procedimentos invariáveis a ser seguidos para obter o resultado desejado, enquanto que as abordagens são perspectivas de análises e técnicas que podem ser utilizadas de diferentes formas (BARCELLOS, 2004).

Nos resumos, foram identificadas dentre as abordagens a proposta por Paul Nordoff e Clive Robbins como Musicoterapia Criativa (1), um desdobramento na Musicoterapia Improvisacional Músico-Centrada (2 e 5), outra baseada no conceito de Experiências Musicais descritas por Kenneth Bruscia (29), a Abordagem Plurimodal em Musicoterapia de Diego Schapira (8) e ainda, outras não especificadas. Como método, teve ocorrência do Método Bonny *G.I.M. – Guided Images and Music* desenvolvido por Hellen Bonny (6). Foram descritos os tipos de intervenções e de áreas como sinônimos de “abordagens”, a saber: intervenções em MT sem especificações (13), composição e improvisação (14), recriação e improvisação (16, 19 e 29), MT receptiva e interativa (11 e 19), MT improvisacional (5 e 11), MT neurológica (20, 24 e 26), MT em Neonatologia (3, 4 e 28), MT social ou perspectiva social (12, 14, 16), intervenção precoce em MT (21), musicalidade clínica na improvisação (22).

Quanto à pesquisa e análise dos dados, oito (2, 4, 5, 8, 9, 10, 12 e 14) fazem uso do método qualitativo, seis (1, 6, 10, 25, 27 e 28) fazem levantamento documental e/ou revisão bibliográfica e dois (6 e 8) fazem análise quantitativa dos dados, sendo que um deles resulta de uma análise quali-quantitativa (8). Um trabalho (27) parte da perspectiva da cartografia e outro ainda, da descrição do contexto institucional de inserção da MT em serviço da assistência social (15). Totalizaram na amostra 11 trabalhos de revisão bibliográfica, como resultado de pesquisa teórica, documental ou histórica.

Foi possível averiguar as modalidades de atendimento clínico, predominando o relato de atendimentos na modalidade individual – com o total de nove trabalhos (3, 4, 5, 6, 14, 17, 19, 20 e 21), seguido pelo de atendimento em grupo, com oito trabalhos (1, 7, 9, 12, 13, 15, 16 e 29). Dentre os demais, seis trabalhos não especificaram a modalidade de atendimento ou a forma como se deu a prática e/ou estudo e outros sete não se enquadram na prática musicoterápica por tratarem de pesquisas bibliográficas, documentais ou teóricas.

O trabalho individual e grupal também constitui parte do método e da abordagem, exigindo um posicionamento diferencial do MTa em relação a sua práxis. Um grupo exige um manejo diferente do atendimento individual pelo MTa, da forma como será feito o levantamento da história sonoro-musical, a testificação musical, as intervenções musicoterápicas nas sessões e outros procedimentos (BARCELLOS, 1999). Mas se a MT possui métodos próprios, eles porém lançam mão de fundamentações teóricas de outros campos de saber como os *psi*, o musicológico, o neurobiológico dentre outros, para dar consistência conceitual e orientação técnica ao trabalho individual ou grupal. Dos trabalhos apresentados um deles (11), de MT comunitária, que atua com grupo de moradores de rua temporariamente abrigados, fundamenta-se na psicologia analítica de Jung para embasar a Musicoterapia interativa e receptiva.

Já o atendimento de um grupo de autistas (16), que se dá em uma universidade, se posiciona a partir da visão sócio-história de Vigotski. Outro grupo em situação de vulnerabilidade social, atendido por um projeto social e sem especificação de faixa etária, trabalha a partir da noção de catarse de integração proposta por Moreno, como central para a sua prática e teorização (13). São citadas também a fenomenologia (9), a abordagem humanista (23) e a genealógica de Foucault (10) como embasamento teórico da prática ou da pesquisa relatada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O VI CLAM contou com 43,5% de resumos de trabalhos brasileiros inscritos na seção de Comunicação oral, o que deflagra que menos da metade do total era de compatriotas, sendo a maioria absoluta (66,5%) de autores estrangeiros, com textos em língua espanhola. O desconhecimento da Musicoterapia pela população, a baixa empregabilidade do Musicoterapeuta de modo geral, o crescimento da profissão restrito aos grandes centros urbanos e a não-regulamentação da profissão são fatores desestimulantes da produção na área da MT. A ausência de um programa específico de pós-graduação *stricto sensu* em MT no Brasil é também associável à relativamente baixa porcentagem de pesquisa e publicação científica deste campo.

Outra amostra desse panorama se encontra na Plataforma Sucupira, em que consta a qualificação de periódicos brasileiros realizada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), instituição que fomenta a pesquisa em todo o país. Nela foi pesquisado o termo “Musicoterapia” dentre as revistas avaliadas no quadriênio 2013 a 2016, por meio do item “Título”, área de avaliação “Artes”. Foram encontrados apenas dois resultados: a Revista Brasileira de Musicoterapia – Revista da UBAM e a Revista do Núcleo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares em Musicoterapia – Revista InCantare. A produção acadêmica da MT brasileira ainda é, portanto, restrita e específica. Essas revistas, por sua vez, produzem importante visibilidade para a Musicoterapia brasileira justamente pela sua especificidade, demonstrando a evolução científica da Musicoterapia e constituindo fonte de pesquisa e de publicação para musicoterapeutas.

Nos anais do VI CLAM verificou-se que há especialização de temáticas da MT em modalidades. Mas a MT, por outro lado, lança mão de fundamentações em abordagens externas à si. Isso acaba por tornar cada trabalho singularizado, o que pode expressar uma forma de resistência à produção de verdades que instaurem uma ciência inflexível e homogeneizante. As proposições conceituais em comum encontradas entre os trabalhos, por outro lado, constituem um *corpus* de enunciados teóricos e técnicos da MT.

A alta prevalência do uso das experiências musicais, como re-criação e improvisação são ilustrativas desse aspecto. Ambas são técnicas em MT e são usados nas mais diferentes abordagens da MT. Cada abordagem em MT pode fazer usos específicos das experiências musicais e modificar seus procedimentos, todavia, não deixam de partir daquelas.

Há ainda, pontos de divergência nas mesmas modalidades, pela complexidade e interdisciplinaridade das práticas. Cita-se que, dentre os trabalhos pertinentes à Musicoterapia Comunitária e Social, destaca-se deles um (18) que embora atenda especificamente a uma comunidade, qualifica-a como “comunidade escolar” e se insere na modalidade Musicoterapia Preventiva Psicossocial na Educação. Este trabalho poderia também ser inscrito em MT Comunitária e Social se assim desejasse, mas o foi na modalidade “MT educacional/práticas inclusivas/Educação Especial”, mostrando a permeabilidade da práxis. Esse crescimento da MT em novas modalidades de prática não foi, todavia, acompanhado das condições para produzir teorizações.

Mas se o potencial de criação da MT está em não possuir definições estanques sobre teorias e técnicas, por outro lado, a importância de se compartilhar de seu arcabouço conceitual para crescer como profissão se coloca. O uso de termos mais precisos nos títulos e palavras-chave, por exemplo, facilitariam a busca de pesquisas da área, promovendo divulgação e popularização da MT como ciência. A descrição das modalidades de trabalho também contribuiria para diminuir a dispersão ou conflito temático. Sublinha-se ainda a necessidade de melhor elaborar os trabalhos que poderão ser acessados de forma aberta e online, envolvendo autores, pareceristas e mesmo as posteriores contribuições de leitores. O desafio estaria em refletir sobre a vasta diversidade das ações, discursos e conceitos utilizados pela MT brasileira, sem adotar um posicionamento teórico que exclua outros modos de pensar.

O dado de identificação institucional não foi registrado em 30% dos trabalhos apresentados nas comunicações orais (figura 2). Isso provocou dificuldade em situar a instituição ou o serviço em que a MT se faz presente, pelo fato dos autores não terem citado este dado nos itens Resumo ou Metodologia do trabalho. Considera-se que sua supressão pode ter relação com o sigilo e cuidados éticos. Por outro lado, o estabelecimento em que o profissional atua determina sobremaneira sua práxis, tornando esse dado importante. Basta observar como as variáveis “público-alvo” e “abordagem e método em MT” são determinadas pela instituição e vice-versa, dialeticamente.

O sujeito atendido pela MT, nesse recorte, é majoritariamente criança ou adolescente (26%, figura 3), seguido dos sujeitos em contexto socioeconômico desfavorável (20% em figura 3), que também inclui a população infanto-juvenil. Já os sujeitos diagnosticados previamente – pela medicina, psiquiatria e áreas afins – constituem o terceiro público mais citado, empatado com o público adulto. O público infanto-juvenil e o público previamente diagnosticado possui características em comum: não chegaram à MT por vontade própria, sendo trazido ou encaminhado por outrem. O grau de implicação com o tratamento, nesse caso, será diferente de um paciente hospitalar, ambulatorial ou de um sujeito inserido em um serviço de assistência social, que pode optar por participar ou não de uma oferta grupal ou individual de MT. A implicação com o tratamento e outras derivações do tema são assuntos que vem sendo abordados em tese em construção, da qual este artigo é integrante.

Notou-se que campos como o da Música, da Educação Musical, Musicalização Terapêutica, Tecnologias Musicais, da Música em Medicina dentre outros, dialogam diretamente com os temas da MT e trazem grandes contribuições para suas teorias e práticas. Neste trabalho, porém, não foram incluídos trabalhos de áreas afins à MT por não atenderem aos critérios propostos. Todavia, não se deixa de ressaltar que o interesse de tais produções pela MT dá visibilidade à interdisciplinaridade inerente ao campo, sem que isso confunda o uso da música *em* terapias, tecnologias e em práticas educacionais com o uso da música *como* terapia, intrínseco à MT.

Por fim, chamou a atenção um paradoxo: a modalidade MT e Políticas Públicas teve um único trabalho inscrito (3%, figura 1) e em MT e Saúde Mental, somente três trabalhos do total de 30. O Sistema Único de Assistência Social (SUAS) inseriu o musicoterapeuta nas equipes dos serviços socioassistenciais, por meio da Resolução nº 17 de 20 de junho de 2011 do Conselho Nacional de Assistência Social. Já o Sistema Único de Saúde (SUS) incluiu a Musicoterapia e outras terapêuticas nas Práticas Integrativas Complementares na Atenção Básica em Saúde, por meio da Portaria nº 849 de 27 de março de 2017 do Ministério da Saúde. Décadas antes, o musicoterapeuta protagonizava a Luta Antimanicomial e participava ativamente da promulgação da lei da Reforma Psiquiátrica brasileira, sendo contratado ou concursado (em menor escala, mas verificável em municípios fluminenses, por exemplo) para trabalhar em instituições substitutivas aos hospícios (CARDOSO, 2014). Diante de história de lutas e conquistas de importantes políticas públicas brasileiras, comparada à baixa inscrição de trabalhos nas respectivas modalidades, indaga-se se o crescimento da Musicoterapia realmente ocorreu na realidade das instituições, para além dos avanços legislativos (FASCINA VITOR, 2012). Reforça-se que ambas são políticas públicas que, somada à previdência social, compreendem a seguridade social, um direito constitucional (BRASIL, 1988). Estes se encontravam gravemente ameaçados pela situação político-econômica da época, em que a judicialização da política e da vida se potencializou, com a defesa neoliberalista do mercado em detrimento dos direitos sociais e os efeitos do golpe de estado de 2016, ocorrido quatro meses antes do VI CLAM. Atualmente, já em 2020, estamos enfrentando uma pandemia por COVID-19 em que tal situação se agrava, com a defesa da vida humana como direito de um lado e a manutenção econômica do

capitalismo de Estado do outro. Justamente dias após o encerramento do VII CLAM, na Colômbia, surge o primeiro caso de COVID-19 no Brasil (MARINS e AMORIM, 2020). Ainda não sabemos que rumos a pesquisa em Musicoterapia tomará a partir desse marco histórico, mas já percebemos que ele tem requerido da Musicoterapia um posicionamento ético e político enquanto categoria, profissão e produção científica a partir das práticas de atenção à distância. E elas têm apontado para a defesa da saúde e vida humanas e exigindo uma oposição à bio-necropolítica (LIMA, 2018; MBEMBE, 2017, 2018; FOUCAULT, 2005) e ao gerontocídio em curso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo?** e outros ensaios. Tradução: Vinícius Nikastro Honesko. Chapecó: Argos, 2005.

BARCELLOS, Lia Rejane Mendes. **Cadernos de musicoterapia, n.4**. Rio de Janeiro: Enelivros, 1999.

_____. **Musicoterapia: Alguns Escritos**. Rio de Janeiro: Enelivros, 2004.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Rio de Janeiro: Edições 70, 1977.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**, de 5 de outubro de 1988. 25. Ed. São Paulo: Atlas, 2005.

BRUSCIA, K. **Definindo Musicoterapia**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Enelivros, 2000.

CARDOSO, Tânia Marques. **A que(m) serve a música na Reforma Psiquiátrica brasileira?** Linhas de audibilidade nas práticas musicais e sonoras da Saúde Mental Coletiva. 2014. 184 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2014.

CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE MUSICOTERAPIA, 6., 2016, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: Ed. 2016. Disponível em <http://www.sabermusical.com.br/wp-content/uploads/pdf/ANAIS-DO-CLAM_%205dejulho.pdf>, acesso em jan. 2018.

DELEUZE, Gilles. O que é um dispositivo? Tradução de Fernando Cazarini, Ruy de Souza Dias e Hélio Rebello Cardoso Jr. IN: DELEUZE, G. **Qu' est-ce qu'un dispositif?** – Michel Foucault Philosophe. Rencontre Internationale. Paris 9,10, 11 jan. 1988. Paris: Seuil, 1989/1990.

FASCINA VITOR, Jakeline Silvestre. Implementando a Musicoterapia no Sistema Único de Assistência Social (SUAS). In: FÓRUM PAULISTA DE MUSICOTERAPIA, 12, 2012, São Paulo. **Apresentações...** São Paulo, 2012. Disponível em <<https://fmtsp2012.files.wordpress.com/2012/12/implementando-a-mt-no-suas-jakeline-silvestre.pdf>>, acesso em fev. 2018.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos IV: estratégia, poder-saber**. Org. Manoel Barros da Mota. Trad. Vera Lúcia A. Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

LIMA, Fátima. Bio-necropolítica: diálogos entre Michel Foucault e Achille Mbembe. **Arq. Bras. Psicol.**, Rio de Janeiro, v. 70, n. spe, p. 20-33, 2018. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672018000400003&lng=es&nrm=iso. Acesso em 19 out. 2020.

MARINS, Carolina; AMORIM, Felipe. Governo confirma 1º caso de coronavírus no país e coloca 20 sob suspeita. **UOL**, 2020. Disponível em <<https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/02/26/ministerio-da-saude-coronavirus-brasil-primeiro-caso-contraprova.htm?cmpid=copiaecola>>. Acesso em 28 mai. 2020.

MBEMBE, Achille. **Políticas da inimizade**. Lisboa: Antígona, 2017.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

Data da submissão: 22/06/2020
Data da aprovação: 30/11/2020